



ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA E LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a experiência de uma professora com o Porta Aberta Volume 2

Debora Djully Gomes da Paz¹

Maria da Conceição Lira da Silva²

Eliana Borges Correia de Albuquerque³

Eixo temático: 4 Alfabetização e infância

Resumo:

Este artigo discute o que relata uma professora do último ano da Educação Infantil sobre os usos que ela tem feito do livro didático Porta Aberta Volume 2, no ensino de apropriação da escrita. A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve a entrevista semiestruturada como instrumento de produção de dados, que foram tratados segundo a Análise de Conteúdo. Como resultados, percebe-se que apesar do reconhecimento das problemáticas envolvidas nesse material e da valorização da ludicidade na Educação Infantil, o livro é um importante recurso utilizado pela professora para o ensino da escrita. Além disso, constatamos a incidência de práticas tradicionais de alfabetização, com foco no ensino das letras, tanto no uso desse material quanto em propostas em que ele não é utilizado.

Palavras-chaves: Educação Infantil; Ensino da Escrita; Livro Didático; PNLD.

Introdução

Nos últimos anos, a Educação Infantil (EI) no Brasil sofreu diversas mudanças no âmbito das políticas públicas, criando-se um fervoroso campo de debates sobre práticas de alfabetização e utilização de Livro Didático (LD) nessa etapa. Como destaque desse contexto, temos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), a Política Nacional de Alfabetização (PNA, 2019) e o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2022, que passou a atender à pré-escola com livros didáticos destinados às crianças.

Entendemos que essas mudanças, muitas vindas de imposições autoritárias, implicam retrocessos quanto aos direitos das crianças. Embora reconheçamos que o contato com a língua escrita é um direito já nessa etapa, defendemos que esse processo deve ser promovido pelos educadores de forma significativa, envolvida nos cotidianos e culturas dos pequenos, como descrevem Brandão e Leal (2010).

¹ Graduanda em Pedagogia pela UFPE. E-mail: debora.paz@ufpe.br

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: cecalirases@gmail.com

³ Professora do Centro de Educação da UFPE. E-mail: eliana.albuquerque@ufpe.br

A complexidade da utilização do LD nesse processo reside na típica estruturação desse material, que se aproxima dos métodos tradicionais de alfabetização e veicula princípios de padronização, memorização e transmissividade. Percebemos, dessa forma, as contradições existentes na ideia de desenvolver experiências significativas de leitura e escrita e o uso do livro didático na EI.

Diante da relevância dessa temática, buscamos analisar neste estudo, que é recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso, o que diz uma professora do último ano da Educação Infantil sobre os usos que faz do LD Porta Aberta Volume 2 (PAV2). A participante do estudo é Pedagoga e atua na rede de ensino de Jaboatão dos Guararapes. Ela foi selecionada por meio de dois critérios: atuar no último ano da EI e utilizar livro didático distribuído pelo PNLD/2022.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo instrumento de produção de dados foi entrevista semiestruturada realizada por meio do Google Meet, em março de 2023, gravada em áudio e posteriormente, transcrita. A entrevista tem o potencial de permitir que o pesquisador obtenha informações de forma imediata e fluida e de temas de diversas naturezas (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Os dados obtidos foram analisados segundo a Análise de Conteúdo, descrita por Bardin (2016). Nas seções abaixo, discutimos o marco teórico, seguido dos resultados e discussões, e finalizamos com as conclusões do estudo.

2 O Ensino da Língua Escrita e o Livro Didático na Educação Infantil

Por muito tempo a Educação Infantil no Brasil apresentou características assistencialistas e compensatórias. Segundo Lucas (2008), as conquistas legais relacionadas a essa etapa de ensino estão relacionadas ao processo de democratização do país, que buscou não só ampliar o acesso, mas também levantou o debate sobre a oferta de uma educação pública e de qualidade. Nesse sentido, documentos oficiais foram produzidos para orientar a Educação Infantil, em termos teóricos e curriculares, dos quais destacamos as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) e a BNCC.

Segundo as DCNEI, a criança é um sujeito histórico e de direitos, que brinca, produz cultura e assume um papel ativo na construção dos conhecimentos que desenvolvem em suas constantes relações com o mundo. Com base nas concepções das DCNEI, a BNCC apresenta como eixos estruturantes da Educação Infantil as interações e as brincadeiras, elenca os direitos de aprendizagem das crianças e organiza o currículo dessa etapa em campos de experiências.

Elaborada e homologada em um contexto não consensual, a BNCC traz como um de seus aspectos mais polêmicos o trabalho com a língua escrita na EI. Segundo Silva (2019), o documento apresenta ausência de objetivos claros para o trabalho de apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA), esta lacuna contribui para a continuidade de práticas

de ensino em que se prioriza cópias de letras e exercícios mecânicos, uma vez que as professoras se mantêm sem orientações claras a respeito do que ensinar nessa etapa de ensino. (SILVA, 2019, p.39).

Sobre os impactos da PNA na Educação Infantil, Morais (2019) destaca o risco da padronização do ensino numa perspectiva mecânica, que ignora a concepção de criança defendida por outros documentos legais e reduz essa etapa ao preparo para a alfabetização. A imposição do método fônico como o melhor para alfabetizar se apresenta fundamentada em "evidências científicas" que apenas contribuem para validar os argumentos apresentados pela PNA (MORAIS, 2019). Com o PNLD/2022 essa política se efetiva nas turmas de EI por meio de materiais didáticos destinados aos professores e gestores dessa etapa e, no caso da pré-escola, com LD para as crianças.

Buscando atender à PNA, os livros selecionados obedecem a critérios que valorizam atividades de literacia e numeracia em detrimento das experiências necessárias para o desenvolvimento integral das crianças. Segundo os argumentos contrários demonstrados por Brandão e Silva (2017) sobre a adoção de LD na Educação Infantil, esses materiais podem, além de contribuir para a padronização e o empobrecimento dessas experiências, reduzir a autonomia docente ao apresentar os temas e as atividades já estruturadas para serem utilizadas.

Frente a essas questões, alinhamo-nos a Soares (2011) quanto à concepção de que não é finalidade da Educação Infantil alfabetizar as crianças, mas que nessa etapa as crianças têm direito a desenvolver conhecimentos e habilidades sobre o SEA fundamentais para sua trajetória de aprendizagem da leitura e da escrita.

No que se refere ao trabalho com a língua escrita na Educação Infantil, Brandão e Leal (2010) apresentam três perspectivas existentes no contexto brasileiro. A primeira diz respeito à obrigatoriedade de alfabetizar nessa etapa, relacionada aos métodos tradicionais de alfabetização e o tradicional ensino explícito das letras. A segunda perspectiva é a que omite o trabalho com a língua escrita nessa etapa e a terceira traz o reconhecimento da importância de ler e escrever na EI de forma diversificada e significativa (BRANDÃO; LEAL, 2010).

Valorizamos a última concepção citada, concordando com Brandão e Albuquerque (2021) sobre a necessidade de superar as tradicionais práticas envolvendo o ensino isolado das letras na Educação Infantil. Nesse processo, acreditamos, assim como argumenta Araujo e Silva (2021), que a adoção de livros didáticos não constitui o único motivo para o empobrecimento das experiências e a ocorrência de práticas inadequadas na EI. Com isso, ressaltamos a importância de discutirmos os usos que as professoras têm feito desses materiais, com vistas a promover o pensamento crítico quanto à efetivação de propostas que levem as crianças a construir aprendizagens contextualizadas e significativas sobre o SEA.

3 Resultados e Discussão

Conforme dito na introdução, para a produção dos dados utilizamos a entrevista. Dessa forma, passaremos a análise do que nos disse a professora sobre o ensino da língua escrita e os usos que ela faz do livro PAV2. Inicialmente, destacamos que a professora entrevistada concebe que a EI não tem obrigação de alfabetizar as crianças. Além disso, ela revela como suas principais preocupações passar tranquilidade e confiança para as crianças, respeitando o tempo de cada uma, vejamos o que nos diz quanto a esse aspecto:

Tem que ser algo lúdico, que leve as crianças a esse processo de forma tranquila. [...] É uma transformação muito grande pra eles, né. [...] E cada criança tem seu tempo, é importante a gente entender isso. A gente faz as intervenções da gente, a gente estimula, mas a gente tem que entender que cada um tem seu tempo, né.

Assim, percebe-se em suas respostas que a professora busca diversificar suas práticas com brincadeiras, músicas, livros literários e textos de diferentes gêneros. Além disso, ela explica que prioriza em seu planejamento as sequências didáticas, nas quais os livros literários são essenciais.

Todas as minhas aulas [...] eu tento seguir uma sequência [...] Todos os meus planejamentos são interligados [...] A gente de Jaboaão tem um programa muito bom, que é o programa escola que lê. Os meninos ganham esses livros e a gente trabalha com eles. Por exemplo, ano passado foi "Entre atos e ratos", "Casamento do pato", "Fácil de sentir, difícil de falar", "Dona baratinha"... [...] Todo ano muda, né. Eu acho isso ótimo, maravilhoso. [...] Essa semana eu vou trabalhar Dona Baratinha. Eu gosto de fazer toda uma sequência com as atividades [...] com base no meu planejamento bimestral.

No trecho acima, a professora menciona como importante apoio o projeto “Escola que lê faz a mudança acontecer” da rede de Jaboaão dos Guararapes, que fornece uma coleção de quatro livros de literatura infantil por semestre para cada criança. Além dos livros literários, o LD também é um recurso utilizado em sua prática, o qual é definido por ela como algo polêmico, que necessita de cuidado em sua utilização:

É polêmico. E assim, eu entendo toda a polêmica [...] Eles são crianças... Crianças muito pequenas... E o intuito da Educação Infantil, é a formação da criança, a questão do brincar. Eles aprendem brincando. [...] É muito, assim, tem que ter um certo cuidado com relação ao livro e educação infantil. Porque educação infantil é muito complexo, amplo, tem toda uma formação que a criança tá passando.

Inferimos, através da sua fala, a valorização do *brincar*, um dos eixos estruturantes da EI. Em um trecho da entrevista, a professora ressalta que em 2020 a rede de Jaboatão dos Guararapes adotou Livro Didático para essa etapa e que participou de uma formação sobre o uso desse material. Este dado reafirma o que apontam pesquisas como a de Araujo e Silva (2021) sobre a presença de LD nas instituições públicas de Educação Infantil já ser uma realidade antes mesmo de sua inserção no PNLD.

No entanto, a professora não chegou a utilizar esse LD, devido à suspensão das aulas em razão da pandemia da COVID19. O retorno das aulas presenciais em 2022 foi marcado pela chegada nas escolas dos livros do PNLD para Educação Infantil. Assim, a professora entrevistada teve sua primeira experiência de uso do LD com crianças do infantil 5 e continuou utilizando o material em 2023.

Na análise que realizamos do livro PAV2, que não é foco de discussão neste artigo, vimos que ele está organizado em unidades chamadas de Movimentos (Interagir e Respeitar; Brincar e Comemorar; Observar e Aprender; e Manifestar e Valorizar). O referido LD se apresenta de acordo com o que preconiza a PNA e traz atividades repetitivas com foco no ensino das letras, sobretudo na seção Colecionando Letras, que comporta todos ou a maioria dos exercícios característicos dessa abordagem, como os de copiar (26 de 26 atividades) e cobrir letras (26 de 27 atividades).

Além de reconhecer a problemática envolvida no uso de LD na Educação Infantil, como vimos em resposta anterior, a professora não se atém a esse recurso, não faz uso sequencial dele e costuma modificar suas propostas de atividades. Vejamos sua resposta:

Eu não me atendo ao livro didático pra dar certos assuntos nos campos que são necessários. [...] Nas minhas atividades eu utilizo ele como um suporte... Eu faço as minhas atividades [...] E aí eu dou uma olhadinha, acredito que aquilo vai se encaixar... E eu faço as adaptações. [...] Se no meu planejamento, eu acredito que o livro vai agregar naquele momento, eu uso.

Para exemplificar a relação do PAV2 com sua prática pedagógica, a professora relatou uma atividade desenvolvida por ela para trabalhar a letra A sem utilizá-lo:

Eu fiz uma pescaria. Pedi pra eles procurarem letrinhas A, lá naquela quantidade de peixinhos, que dentro tinha figuras, que eu imprimi e cortei todas... Eu sou muito esforçada com eles, porque eu quero que eles aprendam. [...] Eu não vou deixar de ter uma atividade que eu julgo, é... Mais significativa pra eles porque eu tenho que usar o livro. [...] Os peixes eram tampinhas. E a vara de pescar era prendedor. Eu levei uma vasilha e enchi com água na escola. E aí eu fui falando para eles, por exemplo, A-BA-CA-XI. [...] Qual é a letrinha que vem quando eu falo "A"? Para eles entenderem que é o sonzinho da letrinha A. E quando eu for passar isso para o papel, quando eu vou escrever A, tem o sonzinho da letra A. [...]

Outro momento descrito revela o processo em que a professora foi influenciada por uma proposta do livro PAV2 para desenvolver uma sequência didática sobre a letra D:

Os meninos eram loucos por dinossauros. [...] Eu levei dinossauros do meu sobrinho, de brinquedo, e eles ficaram apaixonados [...] Aí eu aproveitei e trabalhei a letrinha D, o sonzinho da letra D... [...] 'Dinossauro. Como é que se escreve? Com que letrinha?' [...] Eu vi que no livro tinha essa questão do dominó. E aí eu peguei o gancho... "Vamos trabalhar o dominó, que também é com a letrinha D. Olha só que engraçado, olha o sonzinho... D... Dominó." [...] E aí eu já trabalhei a questão dos números, da numeracia deles, do jogo, das regras... [...] Liguei uma coisa com a outra. [...] Tinha dominó na escola também, eu pedi pra coordenadora. [...] O livro deu essa possibilidade, que no momento eu não tinha pensado.

Com base nos momentos descritos, inferimos que, apesar dos esforços para diversificar as atividades voltadas para a aprendizagem do SEA, a professora apresenta um foco no ensino das letras e de seus sons. Nesse aspecto, as propostas desenvolvidas por ela se aproximam dos conteúdos veiculados pelo PAV2. Sobre as atividades do livro com foco em cobrir e copiar letras, a professora relata que não as desconsidera e faz uso delas a depender das necessidades de cada criança.

Não me atendo muito ao pontilhado... Mas é um suporte, querendo ou não a gente pode utilizar. Tem algumas crianças que apresentam mais dificuldade na escrita. Aí eu coloco, sem problema nenhum. Se eu achar que é importante eu coloco.

Por outro lado, entre as atividades que a professora considera importante para o ensino da escrita, destaca-se o trabalho com o nome das crianças e a consciência fonológica, por meio das rimas. Sobre esses conteúdos, Silva (2019) analisa que eles não são mencionados pela BNCC para a pré-escola e argumenta que o documento poderia apresentar objetivos explícitos para o ensino do SEA. Vimos, também, que o livro didático utilizado pela professora não valoriza o trabalho com os nomes e com as rimas.

4 Considerações Finais

A pesquisa mostrou que, embora a professora reconheça as limitações de usar livro didático com as crianças da pré-escola, ele é um recurso presente em sua prática, sem uma frequência definida de utilização. Além disso, apesar de valorizar em seu discurso o brincar e de buscar diversificar suas propostas de atividades com as crianças, a professora descreve práticas que priorizam o ensino das letras, seus sons e suas grafias, assim como propaga a PNA por meio dos livros do PNLD/2022.

Entendemos que esse movimento contraditório, presente no que nos revelou a professora, tem relação com a grande aceitação dos LD como recurso pedagógico nas

escolas brasileiras, visto que seus defensores indicam como suas vantagens a garantia de um conjunto de conhecimentos mínimos para todas as crianças, a segurança dada aos professores pouco experientes ou com formação deficitária sobre o quê e como ensinar e a possibilidade das famílias acompanharem as atividades desenvolvidas nas escolas (BRANDÃO; SILVA, 2017).

Acreditamos que o foco dado pela professora no ensino das letras pode ser explicado por não se ter ainda clareza do que é realmente imprescindível às crianças da Educação Infantil no contato com a escrita alfabética, como defendem Brandão e Albuquerque (2021). Assim, ressaltamos a importância de se discutir tal temática, a fim de desenvolver posturas críticas e significativas pelos educadores quanto ao trabalho com o SEA na Educação Infantil.

Referências

ARAUJO, Renata Adjaína Silva de; SILVA, Alexsandro da. O livro didático na educação infantil: reflexões sobre práticas de ensino de leitura e de escrita. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito. (Org.). **PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO: o lugar dos livros didáticos na organização do trabalho docente**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2021, v. 1, p. 207-223.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Edital de Convocação Nº 02/2020 – CGPLI Programa Nacional Do Livro E Do Material Didático 2022**. Brasília: DF, 2020.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. A aprendizagem das letras na Educação Infantil: as inimiguinhas em ação? IN: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. (Orgs.). **A aprendizagem inicial da língua escrita com crianças de 4 e 5 anos: mediações pedagógicas**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 87-113.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Ferraz. “Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa?” In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. **Ler e Escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 13-31.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; SILVA, Alessandro da. O ensino da leitura e escrita e o livro didático na Educação Infantil. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 440-449, set.-dez. 2017.

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco. **Os processos de alfabetização e letramento na Educação Infantil**: contribuições teóricas e concepções de professores. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MORAIS, Artur Gomes de. Análise crítica da PNA (Política Nacional de Alfabetização) imposta pelo MEC através de decreto em 2019. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, n. 10, 25 mar. 2020.

SILVA, Maria da Conceição Lira da. **Leitura e escrita na Educação Infantil**: práticas de ensino de professoras participantes do curso de formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SOARES, Magda. Aprendizagem lúdica. [Entrevista concedida a] Rubem Barros. **Revista Educação**, São Paulo, v. 1, 2011. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2011/11/01/aprendizagem-ludica/>>. Acesso em: 25 mai. 2023.